

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

ARLETE LIMA DE FREITAS

**Educação e o uso pedagógico das Tecnologias da Informação e Comunicação: uma
reflexão sobre os Canais Educativos do YouTube que tratam das Ciências Humanas.
Desafios e Possibilidades.**

**Porto Alegre
2018**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

ARLETE LIMA DE FREITAS

Educação e o uso pedagógico das Tecnologias da Informação e Comunicação: uma reflexão sobre os Canais Educativos do YouTube que tratam das Ciências Humanas. Desafios e Possibilidades.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientadora: Fabiana Santiago Sgobbi

Porto Alegre
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitor: Prof. Jane Fraga Tutikian

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Celso Giannetti Loureiro Chaves

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. Dr. Leandro Krug Wives

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

AGRADECIMENTOS

Obrigada, Pai Criador, pela bênção da vida, pelo imenso amor que nos une àqueles com os quais podemos caminhar lado a lado, independentemente do tempo que permanecemos juntos.

Agradeço a todos os professores, do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFGS, especialmente a orientadora Fabiana Sgobbi. Obrigada mestra, por exigir de mim, muito mais do que eu imaginava ser capaz de realizar. Manifesto aqui minha gratidão eterna, por compartilhar com sua sabedoria, o seu tempo e sua experiência.

Sou grata, também ao professor Everton Bedin, que apoiou cada etapa da pesquisa e contribuiu, com as revisões do conteúdo. Obrigada por esclarecer tantas dúvidas e ser tão atencioso e paciente.

A direção, professores e funcionários da E.E.E. Fundamental Venezuela, muito obrigada.

Dedico também aos amores da minha vida: todos aqueles familiares, sem exceção que estiveram ao meu lado, concordando ou divergindo, apoiando ou criticando, sempre, porém movidos pelo melhor dos propósitos, ajudar, amparar e até socorrer. Aos meus pais Alvício e Glacy Freitas, onde estiverem, recebam os meus agradecimentos.

A todos os amigos, especialmente Adriana Pegoraro e Eliete Tibursk muito obrigada, pois vocês foram fundamentais para minha formação, por isso merecem o meu eterno agradecimento. A vida nos coloca ante situações diversas, quando encontramos companheiros de trabalho, amigos e até adversários que nos ensinam sempre – a todos, a minha gratidão e os meus melhores pensamentos.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Participantes por faixa etária.....	25
Gráfico 2. Relação com a Escolaridade.....	26
Gráfico 3. Acesso ao Canal.....	27
Gráfico 4. Considera o canal motivador.....	27
Gráfico 5. Acesso à internet fora da sala de aula.....	28
Gráfico 6. Assistir vídeos no Youotube.....	29
Gráfico 7. Ter mais facilidades nas aulas de Geografia.....	30

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. EMBASAMENTO TEÓRICO.....	13
2.1 Como tudo começou: Breve história da televisão enquanto meio de comunicação e informação no Brasil.....	15
2.2 – O advento da Internet: mudança de cenário.....	17
2.3 – Ensino a distância: desafio contemporâneo.....	20
3. METODOLOGIA.....	22
4. <i>MAS AFINAL: UM ESTUDO DE CASO</i>	24
5. RESULTADOS.....	25
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	34
ANEXO I. Carta de Apresentação.....	37
ANEXO II. Termo de Consentimento Livre.....	38
ANEXO III. Quadro diagnóstico.....	39

RESUMO

Os processos de ensino e aprendizagem têm se modificado nos últimos tempos com a emergência de novas práticas de circulação livre de informações, das quais se destacam materiais audiovisuais. Com o intuito de investigar o uso de vídeos por estudantes do ensino fundamental das séries finais ao estudarem geografia realiza-se uma investigação para analisar as razões que têm levado estudantes a buscarem vídeos na internet ao estudarem. Este trabalho tem como objetivo refletir, sobre os desafios do ensino e aprendizagem diante das inovações tecnológicas, a partir de uma sociedade pautada, pelas redes sociais. Esse contexto exige mudanças no processo educacional e nas relações de ensino e aprendizagem, que se estabelecem na educação formal. Dessa forma, ressalta-se o surgimento de estudos, nos quais comprovam que, o Ensino à Distância (EAD) pode ser uma alternativa interessante, bem como o surgimento de canais, como YouTube, que proporcionam aulas com professores e conteúdos didáticos tornam-se cada vez mais populares e merecem uma atenção, quando se trata de aprendizagem na atualidade. A partir, deste eixo de reflexão busca-se analisar, nesse estudo, tal fenômeno, através da produção do canal *Mas Afinal*, criado por um professor de geografia, na tentativa de tornar mais interessante suas aulas. Assim, pode-se concluir que, as novas tecnologias precisam ser trabalhadas de forma integrada e objetiva por parte dos educadores.

Palavras-chave: Mídias, Ensino, YouTube

ABSTRACT

Teaching and learning processes have recently changed through the emergence of new information-free circulation practices of which audiovisual materials stand out. In order to investigate the use of videos by high school students when studying geographic, we conducted an investigation that examined the reasons that have led students to search for videos on the Internet when studying

This research aims to reflect on the challenges of teaching and learning in the face of technological innovations, starting from a society based on social networks. This context requires changes in the educational process and in the teaching and learning relationships, which are established in formal education. Thus, we emphasize the emergence of studies, in which they prove that, Distance Learning (LD) can be an interesting alternative. In this context, as well as the emergence of channels, such as YouTube, that provides lessons with teachers and didactic content become increasingly popular and deserve attention when it comes to learning nowadays. From this axis of reflection search analyze, this study, such a phenomenon, through the production of the channel *Mas afinal*, but after all, created by a teacher of geography, in an attempt to make his classes more interesting. Thus, it can be concluded that the new technologies need to be worked in an integrated and objective way by educators.

Keywords: Media, Teaching, YouTube

1- INTRODUÇÃO

O interesse cada vez maior pela história cultural, ou seja, pelo estudo das idéias, das atitudes, das representações ou dos artefatos, por intermédio dos quais, os homens e as mulheres, de determinada época, interagem com seu ambiente, permitiu explorar o passado de novas formas, usar novos métodos e indagar novas e mais sutis questões a respeito da vida cotidiana (BURKE, 1992, p. 235).

De acordo com o desenvolvimento da sociedade, o homem contemporâneo passou a dispor de um tempo exíguo para informar-se. Dessa forma, dentre os meios de comunicação – livros, jornais, rádios e revistas – a televisão assumiu papel de destaque, por ser um meio mais ágil de informação e visualmente estimulante. Além de ampliar o mercado consumidor da indústria cultural, a televisão age também, como instrumento mantenedor da ideologia e da classe dominante (CAPARELLI, 1982). Através, da televisão é possível estabelecer contato com outros mundos, outros povos e culturas. Nessa perspectiva, a televisão se apresenta, também, como uma oportunidade de aprendizagem, por meio de seu entretenimento inegável, que informa e, de certo modo, educa. A TV Tupi-Difusora surgiu, em uma época, em que, o rádio era o veículo de comunicação, mais popular do País, pois atingiu a comunidade brasileira, em quase todos os Estados.

Ao contrário, da televisão Norte-Americana, que se desenvolveu apoiando-se, na forte indústria cinematográfica, a brasileira se submeteu à influência do rádio, utilizando inicialmente sua estrutura, o mesmo formato de programação, bem como, seus técnicos e artistas. O Canal Futura e a Teve Cultura são dois exemplos, no qual O Canal Futura mantido, por instituições privadas, com uma programação que oferece uma pluralidade de visões, que valorizam a cultura brasileira. Da mesma forma, a Teve Cultura foi à segunda emissora educativa criada no Brasil, tornou-se especialista em programas educativos infantis e ganhou vários prêmios internacionais. Quem nunca ouviu falar do famoso Castelo Rá-Tim-Bum ou do Júlio e suas galinhas em Cocoricó? Esses são dois dos programas de maior sucesso do canal, segundo pesquisa realizada pela Associação Brasileira das Emissoras Públicas, Educativas e Culturais (ABEPEC, 2003).

A partir deste breve relato da história da televisão brasileira e sua influência na vida social, familiar e cultural da população, como forma de contextualizar o leitor e oferecer informações que contribuam com um processo reflexivo ao longo do trabalho. Nessa condição, faz-se um breve relato acerca da relação educação e tecnologias e seu impacto no sistema educacional. Em seguida, são descritas as novas formas de interação entre

indivíduos e a sociedade em redes onde é preciso cada vez mais ter o domínio das novas tecnologias e saber usá-las. Ao lado dessa característica, está o aumento dos cursos à distância para a graduação como reflexo da nova era da informação e da cultura digital. Para Moran (2007) [...] aprendizagem virtual é uma constante no dia a dia das pessoas. A educação a distância confere autonomia aos alunos e quando combinada com atividades colaborativas torna a aprendizagem muito dinâmica. Destaca-se o YouTube como o favorito entre os jovens e propõe-se a sua exploração a partir de uma prática educativa em que a base do processo de ensino aprendizagem seja a participação ativa dos alunos. Na segunda etapa, faz-se detalhadamente a apresentação de um canal do YouTube e como os jovens utilizam essa ferramenta para facilitar seus estudos.

À medida que o tempo passou, novas formas de entretenimento e aprendizagem foram surgindo, para atender as necessidades, de uma sociedade que, passa a conviver cotidianamente, com “novas tecnologias”, fazendo-se necessário refletir, sobre o processo de ensino aprendizagem, nesse novo espaço de produção de saberes. Sendo a educação, um dos pilares, de uma sociedade civilizada, então repensar, como o tema se insere no contexto midiático da atualidade, é essencial.

Trazendo o tema à luz dos crescentes avanços, das tecnologias de comunicação e informação e da popularização das mídias digitais, que permitem novas formas de interação, entre indivíduos no ciberespaço, algumas reflexões, acerca dos processos de produção dos conteúdos de ensino devem ser feitas. A escola e os educadores precisam incorporar novas tecnologias, no meio educacional acompanhando seus alunos e orientando-os a transformar as informações científicas e cotidianas adquiridas, em conhecimentos e aprendizados. (MORAIS; ANDRADE, 2009). Nesse processo continuo Moran (2009) propõe investigações das mais simples, até as mais complexas, e assim, ajudar no desenvolvimento de um pensamento construtivista e em sua organização semântica.

A quantidade de redes sociais existentes potencializa a conexão e interação dos seres humanos, pois viver em tempos de *ciber* cultura é preparar-se para aprender sempre mais, para lidar com o conhecimento, como algo sempre inacabado: vive-se atualmente em uma Sociedade em Redes (CASTELLS, 2006). Toledo (2007) reafirma a necessidade de repensar os conceitos de educação, buscando novas práticas pedagógicas e conhecendo outros espaços educativos, que contemplem visões de transformação da realidade, por docentes e discentes envolvidos, no delicado processo de aprendizagem. Neste contexto, se observa uma ampliação do conceito de educação, que passa a transpor os limites da escola e, com isto, uma nova dimensão de estrutura: a da educação não formal. A educação à distância

também será um tema abordado aqui, partindo de perspectivas de autores como Perraton (2007), Moore e Kearsley (2011), que sustentam uma mudança no viés de ensino, sob a influência que surge do advento da internet, o papel das mídias e sua contribuição para a aprendizagem, e, mais ainda, a forma, como estudantes constroem conhecimento, em disciplinas relacionadas às ciências humanas, quando há mediação por materiais audiovisuais, objeto de estudo desta pesquisa.

A partir desse eixo de reflexão, pretende-se explorar, neste trabalho, a dinâmica de ensino, em redes sociais, verificando como os sistemas de ensino subjugados, ao momento atual da comunicação em rede, estão se adaptando à cultura participativa, através da investigação, do uso de vídeos por estudantes do Ensino Fundamental Séries Finais, ao estudarem os componentes curriculares relativos, às Ciências Humanas (história e geografia), em particular a utilização de vídeos disponíveis no YouTube, a fim de entender o papel dessa ferramenta, no processo de ensino e aprendizagem. Acredita-se que, estudantes buscam constantemente por vídeos em seus estudos, o que pode ser corroborado pelo amplo número de acessos (visualizações) e inscrições, em canais de vídeos com fins educacionais, em especial, os encontrados no YouTube Edu (REZENDE FILHO et al., 2015).

Em consideração aos argumentos anteriormente expostos, coloca-se a seguinte questão norteadora: que motivos têm levado estudantes do Ensino Fundamental Séries Finais buscarem por vídeos no YouTube, como ferramenta de estudo para a Geografia? É nesse sentido, que se pretende investigar, aqui a plataforma educacional, *Mas Afinal* no canal do YouTube. O Mas Afinal é uma plataforma educacional focada em conteúdo didático de geografia para estudantes do Ensino Fundamental Séries Finais e Ensino Médio.

Criado em 2014, por Renan Willian, professor de geografia, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, com o objetivo de oferecer aos alunos, aulas mais atrativas, “que valem a pena assistir.” Acessando a página é possível explorar os conteúdos, através da análise do tema e do debate, a plataforma atinge hoje, mais de 10 mil pessoas mensalmente. . Há também vídeos sugeridos, para quem está “chegando agora”, seguindo sempre uma metodologia de ensino: câmera fotográfica apontada para o professor, que aborda os assuntos de uma maneira descontraída e acessível. Dessa forma, é possível, também assistir as participações do professor Renan, em outros canais, que tratam das Ciências Humanas. Escolas podem utilizar o Mas Afinal, para complementar os estudos de seus alunos.

Como será mostrado adiante, o grande número de visualizações, que a plataforma alcançou, pode ser encarado, como um sintoma da contemporaneidade e, justamente por ser

tangível a um assunto tão fundamental, como a educação, é necessário lançar se algumas reflexões, em relação ao funcionamento da plataforma e o perfil destes consumidores. Para tanto, o caminho metodológico foi baseado, em uma pesquisa aplicada entre os consumidores da plataforma e análise dos resultados e das respostas destes alunos.

2 - EMBASAMENTO TEÓRICO

Silva, Pereira e Arroio (2017) investigaram, de forma exploratória, interesses e escolhas de um grupo de 119 estudantes das séries finais, com idade média de 17 anos, de uma Escola Estadual da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, em relação aos canais de vídeo aulas do YouTube. Como resultado, a maior parte do grupo acessa o YouTube para diversão e informação, sobretudo para assistirem as vídeo-aulas visando:

preparação para os exames escolares, em uma tentativa de aprender ou revisar os conteúdos”, dando importância a esses recursos ao ponto de considerarem que possam ser “incorporados nos processos de ensinar e aprender, mesmo [...] que as aulas dos canais que foram preferidos pelos alunos representem em si, nenhuma inovação didática, já que todas se apresentam praticamente da mesma maneira. (SILVA PEREIRA; ARROIO 2017, p.37).

Esse estudo se distingue desta pesquisa, seja pelo recorte dos sujeitos, que são alunos apenas das Séries Finais do Ensino Médio, com foco nos exames de acesso à Universidade, seja, sobretudo, por fazer uso de um grupo focal.

Perraton (2007), Moore e Kearsley (2011), sustentam uma mudança no viés de ensino, sob a influência das novas interfaces que surgem do advento da internet, cada vez mais presente no cotidiano das famílias, provocando transformações na sociedade e nas relações humanas. De blogs a sites de redes sociais, nós vemos inúmeras maneiras em que um indivíduo motivado pode tornar o seu próprio conteúdo pessoal disponível.

A educação, assim como outros processos de interação social, deve ser pensada no contexto do ciberespaço, no qual possui as suas particularidades e uma série de fatores diferenciais (RECUERO, 2009). Enquanto que, para Chaves (2004) a inserção das TIC também deve ser levada em consideração no meio pedagógico, em que o educador, a escola e toda a comunidade devem estar preparadas para organizar e desenvolver a aprendizagem por meio das tecnologias. Com a ação pedagógica é possível valorizar o conhecimento do aluno possibilitando que este construa um elo entre o seu conhecimento, o conteúdo a ser ensinado e suas contribuições em todo o processo escolar.

Segundo Kenski (2012) o uso das TIC no meio pedagógico proporciona consideráveis provocações e possibilidades para atividade cognitiva e social dos educandos e dos educadores desde a Educação Infantil até o Ensino Superior.

O uso de vídeos permite que o docente explore o tema em sala de aula de forma mais atrativa, por meio de imagens e sons que possivelmente chamará a atenção dos alunos. A

dinâmica proposta em sala de aula demanda do professor planejamento, o que não isenta a responsabilidade desse profissional, como mediador no processo de construção do conhecimento, apontado por Arroio, Diniz, Giordan (2005). Um vídeo, um filme ou programa de televisão, não pode por si só gerar conhecimento, nem mudanças de comportamento nos alunos, não substitui nem o texto escrito e muito menos o papel do professor como orientador dos processos de aprendizagem. (ARROIO; DINIZ; GIORDAN, 2005, p. 5).

Os autores também ressaltam a função do docente durante o uso desses meios de comunicação em suas aulas, para que o objetivo seja alcançado. Destacam-se, portanto, como desafios principais, à profissionalização do professor, a qualificação pedagógica e a sua aproximação das metodologias de ensino inovadoras e transformadoras.

A possibilidade de utilizar vídeos para fins pedagógicos, ganha destaque no Brasil, segundo Vasconcelos et. al. (2013), pois na década de 1990, com a criação de canais de televisão administrados pelo Ministério da Educação, primeiramente com “Vídeo Escola” e, posteriormente, com a “TV Escola”. Esses meios de comunicação permitiram que conteúdos, antes disponibilizados apenas na televisão, também pudessem estar presentes no ambiente escolar e, assim, contribuir na formação dos discentes.

Muitas são as maneiras de se trabalhar com vídeos, uma vez que, a maior parte dos vídeos estão disponíveis em redes sociais (que disponham dessa função) como é o caso do YouTube, que favorece a busca de informações a respeito de conteúdos. Schneider, Caetano e Ribeiro (2012) afirmam que, grande parte do material disponível no YouTube apresenta características similares às que podemos encontrar em sala de aula: um professor expõe o conteúdo utilizando uma linguagem verbal e textual. Logo, o aluno tem a possibilidade de encontrar material para estudo fora do espaço habitual de ensino, a fim de rever ou até recuperar um conteúdo, ao qual não estava presente, quando trabalhado ou que tenha dificuldade.

Acredita-se que não basta usar TIC, mas sim, é preciso saber usar pedagogicamente de maneira correta, pois não restam dúvidas que as TIC

originaram transformações positivas para o meio educacional, dinamizando o espaço de ensino aprendizagem com imagens, sons e movimentos reais.

No entanto, pode-se considerar notório o crescimento exponencial de vídeos, com fins educacionais disponibilizados em repositórios, inclusive com a criação da plataforma específica para o ensino – o YouTube Edu. Também é notória a falta de programas de pesquisa, que se debruçam sobre o papel dessas mídias e sua contribuição para a

aprendizagem, e, mais ainda, a forma como estudantes constroem conhecimento em disciplinas relacionadas às ciências humanas, em que há mediação por materiais audiovisuais, tem como objeto de estudo desta pesquisa.

2.1 Como tudo começou: Breve história da televisão enquanto meio de comunicação e informação no Brasil.

Na metade do século XX, os lares de diversas partes do mundo se encantavam ou, ao menos, almejavam ter acesso, a mais um avanço criado pelo homem: a televisão. Em pouco mais de cinquenta anos, a TV viria a suceder telefones, rádios e geladeiras, como o mais desejado e adquirido aparelho doméstico, especialmente nos domicílios brasileiros. Por isso, dentre os meios de comunicação – livros, jornais e revistas – a televisão assumiu papel de destaque, por ser uma forma mais ágil de informação, além de visualmente estimulante. De acordo com Souza (2003). Através da televisão, é possível estabelecer contato com outros mundos, outros povos e culturas. Nessa perspectiva, a tevê se apresenta, também, como uma oportunidade de aprendizagem, pois, se ela entretém, é inegável que informa e, de certo modo, educa.

Num país como o Brasil, de grandes desigualdades, profundos problemas sociais e alto índice de analfabetismo, a televisão surge, como um importante instrumento de democratização da informação e da educação. Como meio de comunicação de alcance nacional – 80% dos lares brasileiros possuem, pelo menos, um aparelho de TV – a televisão desempenha um papel fundamental, no desenvolvimento do País e exerce grande influência, sobre a vida dos brasileiros. Em síntese, sob nosso ponto de vista, a história da TV brasileira reflete as fases do desenvolvimento e as políticas oficiais adotadas e, por isso, este veículo não pode ser analisado, como objeto independente do contexto no qual está inserido (MATTOS, 2002). “A televisão tornou-se um estado dentro do Estado, uma escola acima das escolas e uma forma, subliminar e assustadora de manipulação de mentes.” (FLORESTAN FERNANDES, 1984, p. 36).

Nesse contexto, através de aliança estabelecida com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, foi ao ar a primeira programação educativa, pela televisão na América do Sul. Em 1961, a TV Cultura de Chateaubriand iniciou a transmissão dos programas TV Escola, voltados à preparação de telespectadores, para admissão, ao então, denominado ginásio.

Em seguida, a TV Rio e a TV Record de São Paulo também viriam a incluir cursos de formação, em suas programações. O “Curso de Madureza Ginásial”, exibido pela TV Cultura de “Chatô” em 1963, já trazia ali as bases do formato “telecurso”, aliando aulas televisivas, apostilas e atividades presenciais realizadas em Telecentros.

Desde sua criação, para Mattos (2002), a **TV Cultura** tomou para si a missão de atuar, como uma TV escola, priorizando a educação à distância, desenvolvendo uma programação, mais voltada para os conteúdos escolares, com o objetivo de suprir as deficiências e carências educacionais do País. O segundo passo, em sua trajetória foi descobrir que era preciso – sim! – fazer educação e cultura; porém, sem deixar de lado o entretenimento, característica própria da televisão, enquanto meio de comunicação.

Assim, essa nova postura, baseada em conceitos mais modernos de educação, entendida como formação integral do homem e visando a ampliação de horizontes e conhecimentos, permitiu abrir o leque de possibilidades e de interesses, dos programas produzidos e exibidos. Nessa fase, a programação infanto-juvenil tomou grande impulso, transformando-se, nos últimos anos, no núcleo básico e mais criativo da **TV Cultura**. Programas com o Castelo Rá-Tim-Bum e Cocoricó, se tornaram dois dos programas de maior sucesso do canal, segundo pesquisa realizada pela Associação Brasileira das Emissoras Públicas, Educativas e Culturais (ABEPEC, 2003).

Nesse contexto, a **TV Cultura** consolidou-se como uma forte opção, para os telespectadores brasileiros. Dada a sua natureza e condição, a TV Cultura cumpre seus objetivos, produzindo e difundindo uma programação de qualidade, acessível às mais diferentes classes e segmentos sociais, atendendo suas necessidades e interesses. E, sendo assim, como permanecer em um cenário cada vez mais competitivo, frente ao avanço de outras mídias e tecnologias, com conseqüentes mudanças comportamentais?

Percebe-se, ao longo da história, que os meios audiovisuais partem de um mesmo princípio e se acrescentam, complementam e se provocam.

França (2009) comenta:

Apesar dos alarmistas, que estão sempre anunciando o fim disto e daquilo, a experiência histórica vem mostrando, que novos meios não vêm substituir formas anteriores, mas provocar modificações e adaptações, reconfigurando continuamente o ambiente midiático de uma sociedade. Diferentes mídias se alimentam e se estimulam reciprocamente; a TV tem sabido conviver bem com a internet, se apropriar de seus recursos e estabelecer com ela uma relação não de concorrência, mas de extensão. (FRANÇA, 2009, p. 27)

2.2 – O advento da Internet: mudança de cenário

Nas últimas décadas, a revolução tecnológica se intensificou com o surgimento dos inventos digitais: computadores, câmeras fotográficas, filmadoras e telefones celulares. Estes passaram a compor o cotidiano das pessoas e representar novas formas de percepção e expressão do mundo. Estão surgindo cada vez mais novas tecnologias digitais, especialmente voltadas para o contexto pedagógico. Valente (1999) ressalta que, essas novas tecnologias já trouxeram mudanças significativas para a educação. A Internet e outras tecnologias invadiram a vida das pessoas, o ambiente familiar, o de entretenimento e o escolar, passando a mediar a relação entre as pessoas e a criar maneiras alternativas de acessar a informação.

Ao afirmar que vivemos um processo de constantes mudanças ocorre uma profunda transformação na forma, como a informação é transmitida. Passamos a viver em um mundo em que a informação está em todo o lugar e cada vez mais presente no cotidiano escolar, familiar e social provocando transformações na sociedade e nas relações humanas.

A competência que o atual mundo do trabalho demanda de cada pessoa, segundo Souza (2006), engloba a criatividade, a reflexão, a solidariedade; e ter competência é saber o que fazer com o que se sabe nesses novos tempos, é ter uma prática inspirada em pensamento crítico. A prática pedagógica se relaciona com domínio de conteúdo, aquisição de habilidades e busca de estratégias que viabilizem a aprendizagem em cada situação de ensino. Estes são fatores fundamentais, no processo de ensino e aprendizagem. Fetal (2006) destaca que, a presença da tecnologia propõe novos arranjos, ao processo de ensino e aprendizagem, que, por consequência, exigem do docente uma postura diferenciada. Disso decorre que o professor, em suas práticas pedagógicas, além do giz e do quadro-negro, precisa incluir os comandos eletrônicos, novos ambientes de aprendizagem e metodologias, que permitam construir e aplicar o conhecimento à realidade presente e futura.

O uso do computador como ferramenta educacional está crescendo e os limites dessa expansão, ainda não são totalmente conhecidos. Quanto a essa expansão, Masetto (2006) considera que, o surgimento da informática e da telemática proporcionou aos seus usuários a oportunidade de entrar em contato, com as mais novas e recentes informações para pesquisas e produções científicas, possibilitando a autoaprendizagem e a interaprendizagem à distância. É uma nova forma de construir conhecimento com a integração de movimentos, som e imagens.

Valente (1999) ressalta que, essas novas tecnologias já trouxeram mudanças significativas para a educação. Uma dessas tecnologias digitais, e que, nos últimos anos, tem ganhado um espaço na escola é a Rede Social na Internet (RSI). Recuero (2009) define RSI, como um conjunto de atores e suas conexões. Dessa forma, também compreende uma RSI, como um novo espaço de comunicação e interação entre as pessoas, evidenciando cada vez mais o uso das tecnologias digitais, como facilitadores desse processo. Canabarro e Basso (2013) dizem que, em diversas RSI presentes, atualmente como Facebook e Twitter, já é possível encontrar a presença, tanto de professores, quanto de Instituições de Ensino utilizando-as para melhorar a comunicação com os alunos. Entretanto, vale destacar que, nenhum desses sites, citados foi desenvolvido com o objetivo de ser voltado para a educação.

Hoje, a maior parte dos vídeos estão disponíveis em redes sociais, sobretudo, em repositórios como o YouTube, que favorece a busca de informações, a respeito de conteúdos. Muitas são as maneiras de se trabalhar com vídeos, Schneider, Caetano e Ribeiro (2012) afirmam que, grande parte do material disponível no YouTube apresenta características similares, às que podemos encontrar em sala de aula: um professor expõe o conteúdo utilizando uma linguagem verbal e textual. Logo, o aluno tem a possibilidade de encontrar material para estudo, fora do espaço habitual de ensino, a fim de rever ou até recuperar um conteúdo, ao qual não estava presente, quando trabalhado ou que tenha dificuldade.

O YouTube, mais especificamente, apresenta uma proposta da conexão permanente das coisas, um modelo de produção coletiva dos feitos realizados na era da informação, de modo livre, sendo uma ferramenta representativa da cultura participativa. Fundada em fevereiro de 2005 e adquirida pelo Google em outubro de 2006, a principal estratégia de negócios do YouTube conta com receitas de publicidade provenientes da atenção atraída pela vasta gama de vídeos do site. (JENKINS; GREEN; FORD, 2013). São as novidades técnicas que permitem o compartilhamento instantâneo, rápido e eficaz.

Outra questão levantada é a da democratização no YouTube. Sendo uma plataforma que permite que, qualquer usuário veja e comente vídeos de outros, assim surge uma possibilidade única para os educadores: um modelo de comportamento democrático. Com a chegada das RSI. Dessa maneira, surge a possibilidade de utilizá-las de maneira pedagógica num contexto educacional de forma a contribuir, para o processo de ensino e aprendizagem (DANTAS; COSTA, 2014). É evidente, que temos de ter em mente, neste ponto, que nem

todos têm o mesmo acesso às tecnologias e às habilidades necessárias para acioná-las (JENKINS, 2009).

Se o YouTube pode ser usado, como uma ferramenta para estimular a democracia, mais do que, meramente promover um voyeurismo disfarçado de democracia – porque, grande parte do conteúdo disponível no YouTube é voltado para o entretenimento, com vídeos musicais e de comédia batendo recordes de visualizações (Mattar, 2013). Apresenta inúmeros recursos que, à primeira vista, podem não demonstrar nenhum apelo pedagógico, mas que podem ser utilizados com muito sucesso em educação. Vídeos podem, por exemplo, ser coletados e organizados em listas de reprodução, listas rápidas ou favorito Recuero (2009) atenta que, a educação, assim como, outros processos de interação social, deve ser pensada no contexto do ciberespaço, que possui as suas particularidades e uma série de fatores diferenciais. No caso de um professor, que dá aulas online, é preciso considerar, o fato de que, ele e o aluno que o assiste, não terão uma interação presencial.

Contrariando um passado não tão distante em que o acesso às mídias era limitado e restrito à participação passiva de seus “consumidores”, o YouTube é exemplo de como as novas Tecnologias da Informação e Comunicação estão inseridas na realidade atual. Representante da cultura web 2.0, o YouTube é examinado como ferramenta que viabiliza não só a interação, mas a inserção do usuário na chamada cultura participativa. O trabalho colaborativo dos usuários do YouTube, além de ser fator predominante e decisivo para sua existência, constitui-se como fonte para o surgimento de atividades que remodelam os padrões de organização e participação socioeconômica.

O surgimento da profissão YouTuber, movimentada pelo esquema publicitário do site, envolve a tendência de aperfeiçoamento do conteúdo criado por usuários. À medida que produções inovadoras, ou no mínimo interessantes, despertam grandes audiências, estas, possivelmente, serão capazes de instaurar a monetização do canal de que são originárias.

Destacado como uma ferramenta popular entre os jovens fica difícil delimitar qual teria sido o elemento responsável por tornar o YouTube um fenômeno extremamente popular, pode-se suscitar a ideia de que, na verdade, o resultado alcançado seja decorrente da diversidade de fatores que vão desde a ordem técnica (ferramentas do site) à ordem temática (o que é veiculado nos vídeos). Citar, adicionar aos favoritos, comentar, responder, compartilhar e assistir são ações que desencadeiam o fenômeno globalizante denominado YouTube. Relacionado a este segundo aspecto, estaria o fascínio pela imagem de indivíduos que se tornam a própria mensagem veiculada, talvez também por isso para (BURGUESS; GREEN, 2009, p.9) o YouTube seja um irresistível local dessa enorme ágora

virtual que, independentemente dos seus problemas e formatos, permite a cada um ser a própria mídia, celebridades do nosso cotidiano.

2.3 – O Ensino à Distância: Desafio Contemporâneo

O ensino à distância (EAD) é um assunto que vem despertando a atenção de muitos teóricos ao redor do planeta. Hilary Perraton (2007), em sua obra “Educação Aberta e À Distância no Mundo em Desenvolvimento” defende que, nos últimos 25 anos, professores têm, progressivamente, dedicado parte de sua educação e treinamento ao ensino à distância. “O centro de atenção do planejador de ensino à distância se concentra na sua capacidade de alcançar grandes números sem os tirar de suas salas de aula, e, em parte, como uma maneira de levantar qualidade escolar”. Outros autores, como Michael Moore e Greg Kearsley, abordaram o ensino à distância em seus escritos: “Educação à Distância: uma visão do sistema de aprendizado online”. Retornando aos escritos de Perraton, também é possível observar a inclusão em suas reflexões do impacto do advento da internet no EAD.

Para Moran (2011) a Educação à Distância (EAD) caminha tanto para uma evolução tecnológica, como pedagógica, pois educar à distância não significa só disponibilizar materiais, significa também, interagir, trocar, aprender em conjunto e mudar.

Como exposto anteriormente, os alunos já estão familiarizados com as redes sociais: as tecnologias da informação e comunicação, em especial os softwares colaborativos disponibilizados, por meio da internet, fazem parte da rotina dos jovens: mesmo que não queiram misturar educação com o lazer, os jovens sabem utilizar essas ferramentas, por isso fica mais fácil explorar seus recursos (PATRÍCIO; GONÇALVES, 2010).

O uso de vídeos em EAD, e principalmente de ferramentas informais como o YouTube, integrados à educação contribui de forma criativa, para o aprendizado e para uma EAD inovadora. O objetivo desta análise não é esgotar o assunto a respeito dessas diferentes mídias, mas de apresentar as possibilidades de seu uso como instrumento pedagógico para a EAD

Hoje existe, online, um crescente repositório de mídias para ser utilizado em EAD. A enorme quantidade de vídeos online gratuitos, combinada com inúmeras ferramentas também disponíveis online e trazem novas oportunidades para integrar conteúdo multimídia em EAD.

Dessa forma, o aumento em cursos à distância e em matrículas nessa modalidade de ensino é uma tendência sem volta, na opinião da reitora da Universidade de Santa Cruz do

Sul (Unisc), Carmem Lúcia de Lima Helfer, também Presidente do Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas (Comung).

Para a reitora Carmem, esse movimento de constante expansão na EAD será marcado pela abertura de mais polos de atendimentos, maior variedade de cursos, mensalidades com valores em queda, alunos mais jovens e com o domínio da tecnologia. Essas características devem fazer com que, a EAD tenha melhor aceitação, principalmente no Rio Grande do Sul, onde, segundo a reitora, há um crescente aumento dessa modalidade.

Nesse contexto, o número de ingressantes em Graduação à Distância no Rio Grande do Sul aumentou 34,2 % em 2017, em relação a 2016, conforme dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). O aumento no Estado está acima da média Nacional que ficou em 27%, no mesmo período. No Rio Grande do Sul, 75.206 alunos começaram a ter aulas de educação à distância (EAD) no Ensino Superior, em 2017. Em 2016 o total era de 56.056 ingressantes. Quase quatro em cada 10 novos alunos de graduações, no Estado se matricularam em cursos EAD.

Temos ainda um caminho a trilhar, mas é um caminho sem volta. Vai haver mais fluxo de matrículas, e o curso presencial vai ter que se renovar. Não pela que de alunos, mas pela necessidade, estratégica de oferecer formações mais flexíveis, interdisciplinares, inovadoras. (HELPER, 2018 pag. 29).

Os dados do Censo mostram que, no Brasil, um em cada cinco estudantes no Ensino Superior estuda a distância. Enquanto o ensino presencial apresentou queda nas matrículas, a Educação à Distância registrou o maior salto desde 2008.

Neste sentido reforça (VERGARA apud LIMA, 2008, p.137) , a EAD está em alta por três motivos: primeiro, porque vivemos a era da informação, e saber trabalhar com ela é fundamental para poder gerar conhecimento e adquirir vantagem competitiva; segundo, porque para usufruir tal vantagem é preciso ter um grande contingente de pessoas capazes de gerar conhecimento e, nesse aspecto, a educação formal é um meio privilegiado; terceiro, porque as tradicionais formas presenciais de educação, sozinhas, não conseguem absorver toda a demanda que esta na expectativa de ser atendida pelos Países, Estados, Municípios, Empresas e Organizações em geral.

3- METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como, um estudo de natureza exploratória qualitativa, que visa identificar, quais motivos levam estudantes a buscarem vídeos que os auxiliem em seus estudos nas disciplinas das ciências humanas. Para Gil (2002), esse tipo de pesquisa esclarece um problema existente, deixando-o mais comum e compreensivo. Tratando-se de um estudo exploratório, a coleta de dados envolveu, primeiramente, a observação das aulas de história e geografia e num segundo momento, a aplicação de um questionário, como etapa preliminar da pesquisa, buscando identificar o perfil dos estudantes, seus hábitos de consumo de informação e se fazem uso de recursos audiovisuais, mais especificamente vídeos, em seus estudos.

O questionário validado (que se encontra no anexo II, desta monografia) foi oferecido a 110 estudantes, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Venezuela, porém somente 69 estudantes responderam o questionário. Estes foram selecionados tendo por base o seguinte critério: por terem demonstrado mais familiaridade com as mídias, foram convidados para participar da pesquisa alunos de quatro turmas, sendo duas turmas de 9ºano, uma de 8º e uma de 7ºano.

Como cenário desta pesquisa, temos uma Escola Pública Estadual, em que há 11 turmas das séries finais, distribuídas somente no turno da manhã resultando em aproximadamente 400 estudantes. Assim, como em outras unidades, essa escola não recebe apenas estudantes de bairros do seu entorno, mas também de bairros vizinhos. Quanto ao currículo, segue-se um plano de curso organizado pelo próprio docente, baseado no Currículo Mínimo (CM) elaborado pela Secretaria de Estado de Educação do Rio Grande do Sul (SEEDUC-RS), e auxiliado por outros documentos oficiais do Ministério da Educação.

Após, passou-se, então, a direcionar as perguntas para recurso de análise: foi perguntado aos consumidores quais são, objetivamente, as finalidades de uso do *Mas Afinal*, se consideram o canal motivador e, por fim, os diferenciais da plataforma.

Primeiramente foi esclarecido os objetivos da pesquisa aos participantes na sequência os alunos foram convidados a participar, e levaram um termo de consentimento e uma breve explicação para suas casas, para que pudessem ser assinados pelos pais. Após o pesquisador receber os termos de livre consentimento (em que o modelo se encontra no anexo3 desta monografia) assinado pelos pais foi dado sequência a pesquisa.

Em relação aos procedimentos, o questionário Quadro 1 (que encontra-se em anexo III nesta monografia) contém perguntas com objetivo de trazer informações que identificassem os participantes (nome, e-mail, idade, série e turno) e sete perguntas com intuito de levantar a fonte de pesquisa para um estudo fora da sala de aula (livros, jornais, revistas, internet, TV e celular), o local (casa, escola, lan house etc.) e o meio de acesso (computador, celular, tablet, TV, videogame etc.) e o uso da internet e de vídeos para estudar geografia e história. Os resultados foram apresentados em gráficos com o objetivo de facilitar a compreensão através da visualização. A realização da pesquisa foi previamente autorizada pela direção da escola.

Após, serem informados do objetivo do questionário e que este nada tinha a ver com a escola os alunos receberam o questionário e iniciaram o seu preenchimento em sala quando os participantes puderam interagir entre eles argumentando sobre as questões levantadas pelo pesquisador/mediador. Os alunos que não conseguiram terminar durante o período puderam concluir em casa e devolver na próxima aula, uma vez que sua utilização neste trabalho consistiu na etapa que conduziu a um melhor entendimento em torno do uso de vídeos por parte dos estudantes em suas atividades de estudo. É comum que essa nova geração de estudantes mostre interesse por atividades que envolvam aparelhos eletrônicos e recursos audiovisuais

4. MAS AFINAL: UM ESTUDO DE CASO

Investiga-se a partir de agora, a plataforma, *Mas Afinal* focada no canal do YouTube diante do público consumidor. A plataforma criada em 2014, por Renan Willian, professor de geografia, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, com o objetivo de oferecer aos alunos, aulas mais atrativas, “que valem a pena assistir” e verificando que, somente os conteúdos dados em sala de aula, não eram suficientes. No início as vídeoaulas eram gravadas de forma simples, com o intuito de ajudar, apenas seus alunos, na época no 6º e 7º ano. De forma inesperada o canal no YouTube recebeu, em poucos meses 1000 visualizações, não só de alunos, mas do público jovem adulto, quando o próprio Renan tinha como meta atingir 6000 inscritos até o final daquele ano.

Hoje, o canal não se limita apenas ao YouTube, encontrando apoio no Facebook e no Twitter que servem como veículo de apoio de propaganda, de espaço de manifestação para os consumidores do *Mas Afinal*, com vídeos curtos, sobre as aulas, para que os alunos vejam os vídeos e acessem o canal. É possível também assistir as participações do professor Renan em outros canais que tratam das Ciências Humanas. Para quantificar e lançar um olhar mais profundo, acerca das motivações e dos impactos do conteúdo do *Mas Afinal*, julgou-se importante realizar uma pesquisa entre os consumidores da plataforma. Para traçar o perfil dos consumidores, algumas perguntas iniciais básicas: idade, tempo de utilização do *Mas Afinal*, nível de escolaridade.

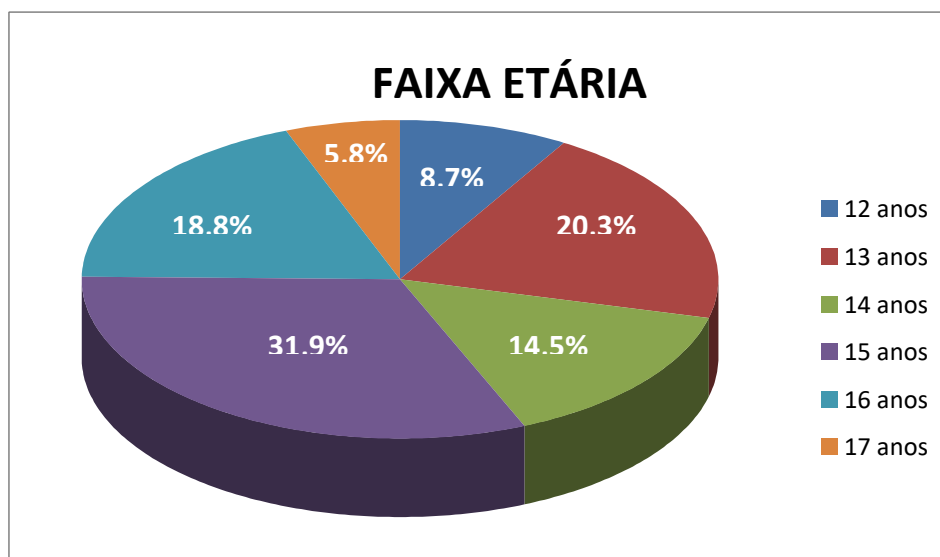
Após essa investigação, passou-se, então, a direcionar as perguntas para o recurso de análise. Dessa maneira, perguntamos aos consumidores quais são, objetivamente, as finalidades de uso do *Mas Afinal*, se o canal é motivador, e por fim, os diferenciais da plataforma.

Ao longo de duas semanas de pesquisa (realizada entre os dias 09/10/2018 e 23/10/2018), em formato de questionário, foram coletadas 69 respostas, em que se pôde observar que, entre os consumidores que responderam às perguntas: 1) Em relação à idade; 2) Em relação a já ter acessado o canal *Mas Afinal*; 3) Em relação ao canal ser motivador; 4) Em relação ao nível de escolaridade; 5) Em relação a assistir vídeos no YouTube para estudar; 6) Em relação a acessar a internet fora da sala de aula; 7) Em relação a ter mais facilidade na disciplina de Geografia.

5. RESULTADOS

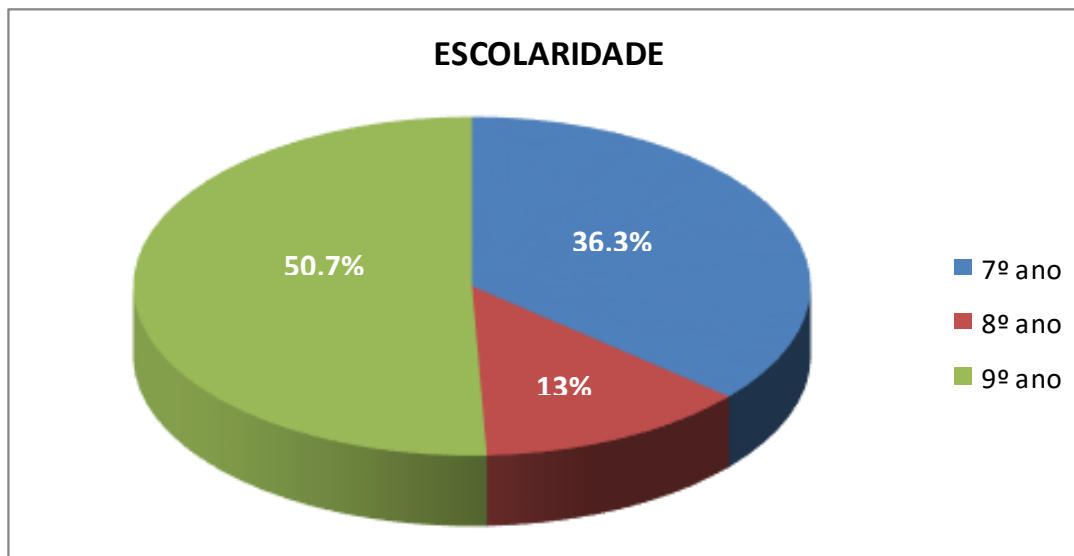
PESQUISA DE CAMPO – RESULTADO DA ENQUETE

Gráfico 1 – Participantes por faixa etária



Fonte: Dados oriundos da pesquisa

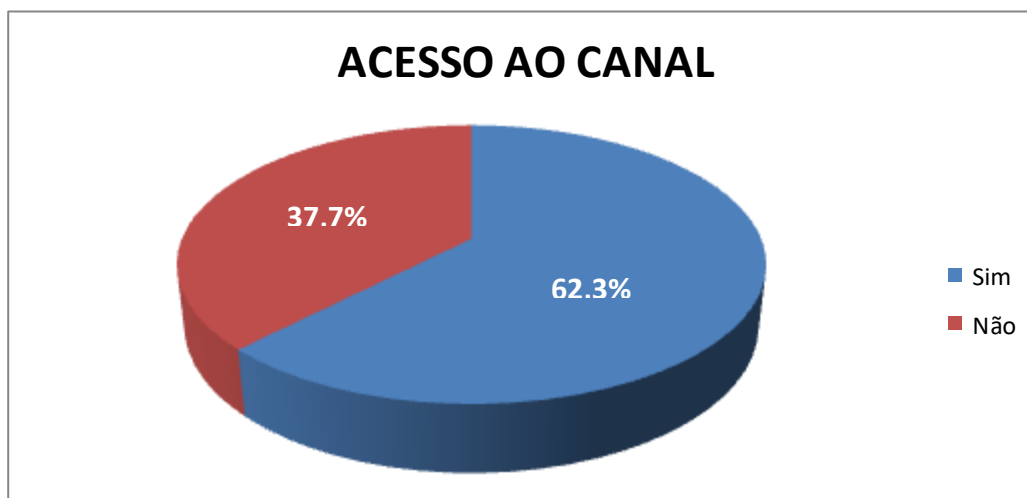
Em relação à idade: 8,7% (6 alunos) tem 12 anos, 20,3% (14 alunos) tem 13 anos, 14,5% (10 alunos) tem 14 anos, 31,9% (22 alunos) tem 15 anos, 18,8% (16 alunos) tem 16 anos, 5,8% (4 alunos) tem 17 anos. Não se identificou nenhum aluno com mais de 17 anos. Da mesma forma que não identificamos alunos com menos de 12 anos, público alvo do canal *Mas Afinal* quando da sua criação. Renan Freitas reconhece que o público do *Mas Afinal* é em sua maioria de alunos jovens adolescentes por apresentar temas que envolvem análise e debate.

Gráfico 2 – Relação com a escolaridade

Fonte: Dados oriundos da pesquisa

Em relação ao nível de escolaridade: 36,3% (25 alunos) estão no 7º ano, 13% (9 alunos) estão no 8º ano, 50,7% (35 alunos) estão no 9º ano. Os alunos em sua maioria estão no 9º ano. Observa-se já estão familiarizados com as redes sociais: as tecnologias de informação e comunicação, em especial os softwares colaborativos disponibilizados por meio da internet, fazem parte da rotina dos jovens: mesmo que não queiram misturar educação com o lazer, os jovens sabem utilizar essas ferramentas, por isso fica mais fácil explorar seus recursos (PATRÍCIO; GONÇALVES, 2010). É possível, portanto, estender o espaço físico das salas de aula, com os estudantes não sendo limitados apenas ao limite físico e temporal de uma aula expositiva em uma sala de aula, tendo a oportunidade de ampliar suas pesquisas com temas que realmente lhe interessam.

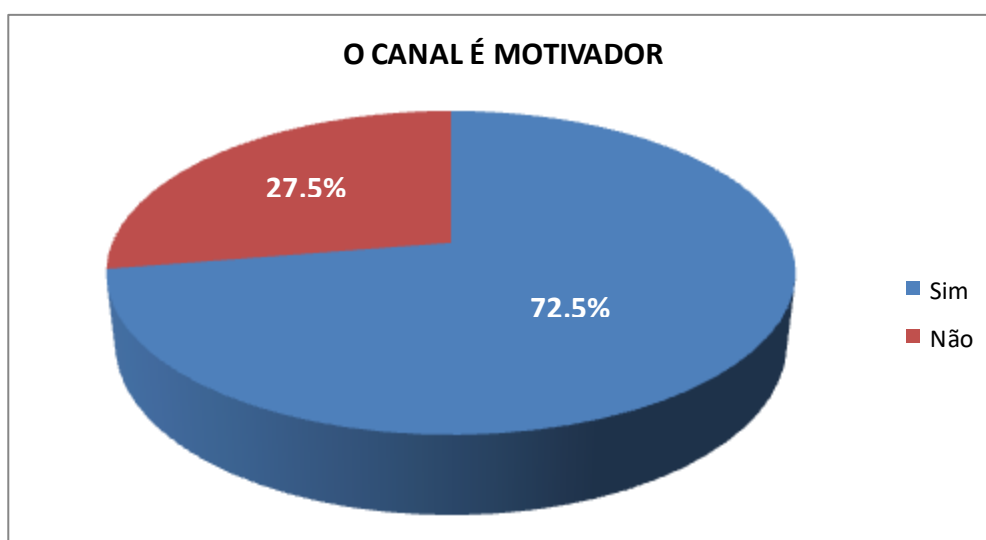
Gráfico 3 – Acesso ao Canal



Fonte: Dados oriundos da pesquisa

Em relação a já ter acessado o canal *Mas Afinal*: 62,3% (43 alunos) já acessaram o canal, 37,7% (26 alunos) não haviam acessado o canal. Os estudantes de hoje fazem parte de uma geração conectada a diferentes veículos de comunicação, diversificando as formas pelas quais obtém informações, se configurando como um público que dificilmente se enquadrará em uma dinâmica de sala de aula na qual sua participação em geral é passiva, como as tradicionais aulas onde o professor transmite o conhecimento e o aluno sentado em fileira absorve o que lhe é apresentado.

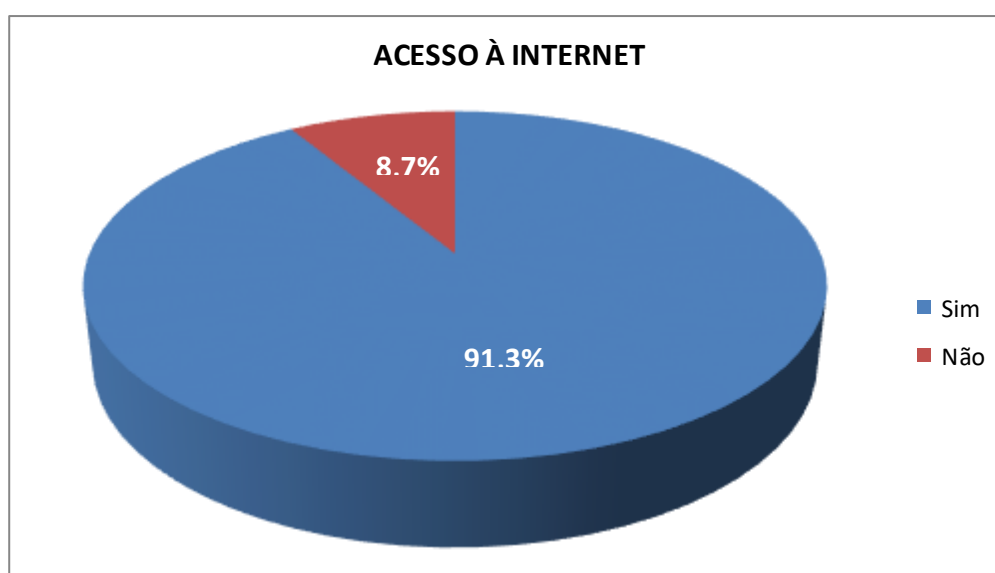
Gráfico 4 – Canal Motivador



Fonte: Dados oriundos da pesquisa

Em relação ao canal ser motivador: 72,5% (50 alunos) considera o canal motivador, 27,5% (19 alunos) não se sente motivado após assistir o canal. O Gráfico ilustra esse resultado, que evidenciou que o uso de vídeos é uma prática comum no estudo dos jovens que é corroborado por Castro et al. (2011), Leite (2015), Martins (2015) e Silva e Sales (2015), evidenciando que esses estudantes pertencem a uma geração que faz uso da tecnologia para buscar conteúdo e, assim, construir conhecimento acerca de temas da geografia .

Gráfico 5 – Acesso à internet fora da sala de aula



Fonte: Dados oriundos da pesquisa

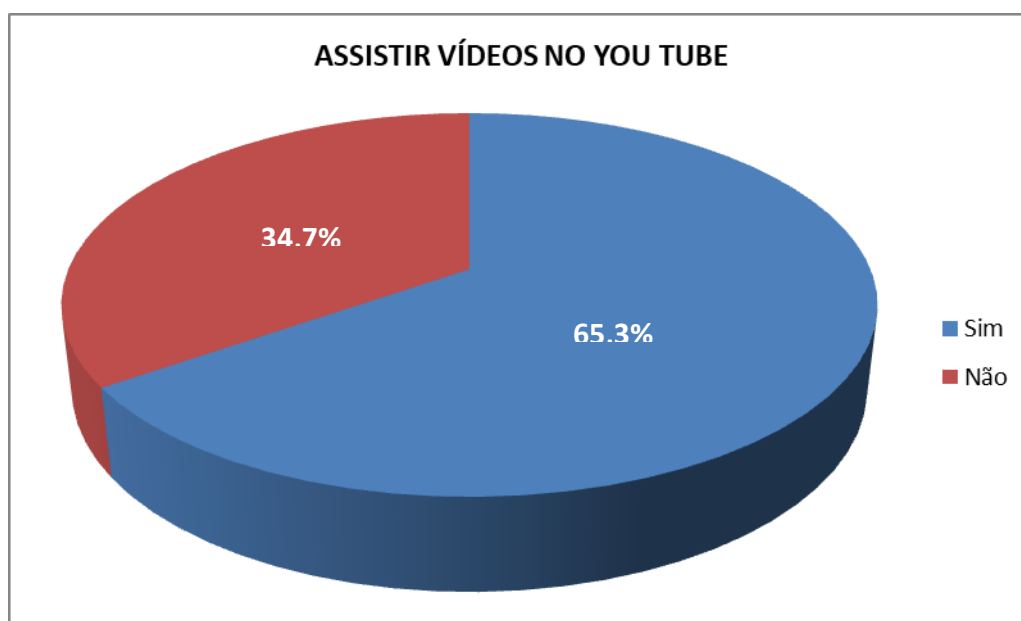
Em relação à acesso a internet fora da sala de aula: 91,3% (63 alunos) diz acessar a internet fora da sala de aula, 8,7% (5 alunos) não acessa a internet fora da sala de aula. A quantidade de redes sociais existentes potencializa a conexão e interação dos seres humanos: vive-se atualmente em uma sociedade em rede. Autores como Moraes, Andrade e Toledo (2009) reafirmam a necessidade de repensar os conceitos de educação, buscando novas práticas pedagógicas e conhecendo outros espaços educativos que contemplem visões de transformação da realidade por docentes e discentes envolvidos no delicado processo de aprendizagem. Neste contexto, observa-se uma ampliação do conceito de educação, que passa a transpor os limites da escola e, com isto, uma nova dimensão de estrutura: a da educação não formal.

É comum que essa nova geração de estudantes mostre interesse por atividades que envolvam aparelhos eletrônicos e recursos audiovisuais. Percebe-se que o ensino limitado apenas ao discurso, ou seja, transmissão de conhecimento e mecanização (memorização e repetições) precisa ser repensado, por não se enquadrar no perfil dos estudantes.

A visualização de vídeos ocorre de maneira natural, por ser um hábito dessa geração conectada. O interesse pelo tema trabalhado em aula pode ser estimulado por meio de outros vídeos disponíveis para acesso no endereço pesquisado, como o que acontece no YouTube. Porém, há aqueles que, mesmo com a disponibilidade de conteúdo na internet, ainda têm o costume de recorrer às fontes impressas como livros em vez de buscarem pelos meios digitais, como os vídeos.

Assim, percebe-se que esse obstáculo ligado ao fácil conhecimento de endereços eletrônicos, que disponibilizam material online gratuito, tem feito com que o acesso a vídeos seja comum também fora do ambiente escolar.

Gráfico 6 - Assistir Vídeos no YouTube



Fonte: dados oriundos da pesquisa

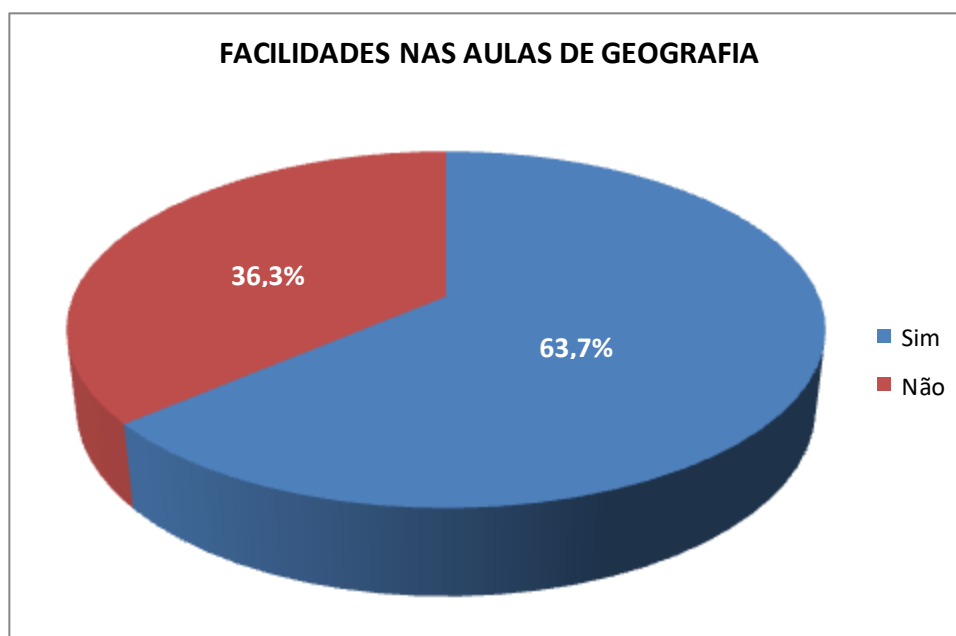
Em relação a assistir vídeos no YouTube para estudar: 65,3% (45 alunos) assiste vídeos no YouTube para estudar, 34,7% (24 alunos) não assiste vídeos no YouTube para estudar. Dessa forma, focando no YouTube, mais especificamente, tem se uma proposta da conexão permanente das coisas, um modelo de produção coletiva dos feitos realizados na

era da informação, de modo livre, sendo uma ferramenta representativa da cultura participativa.

Grande parte do conteúdo disponível no YouTube é voltada para o entretenimento, com vídeos musicais e de comédia batendo recordes de visualizações (CURRY, 2012), seria a plataforma um fator válido no quesito da democratização da comunicação e, conseqüentemente, da educação? Jenkins (2009) atenta para este consumo por parte dos jovens: Um adolescente fazendo a lição de casa pode trabalhar ao mesmo tempo em quatro ou cinco janelas no computador: navegar na Internet, ouvir e baixar arquivos MP3, bater papo com os amigos, digitar um trabalho e responder e-mails, alternando rapidamente as tarefas.

Acredita-se que estudantes – jovens conectados e usuários de múltiplas ferramentas tecnológicas – buscam constantemente por vídeos em seus estudos, o que pode ser corroborado pelo amplo número de acessos (visualizações) e inscrições em canais de vídeos com fins educacionais, em especial os encontrados no YouTube Edu (REZENDE FILHO et. al., 2015).

Gráfico 7 – Ter mais facilidade nas aulas de Geografia



Fonte: dados oriundos da pesquisa

Em relação a ter tido mais facilidade na disciplina de geografia: 63,7% (44 alunos) teve mais facilidade na disciplina de geografia, 36,3% (25 alunos) não obteve nenhuma facilidade na disciplina de geografia.

Hoje, a maior parte dos vídeos estão disponíveis em redes sociais normalmente, encontra-se estes recursos no cotidiano dos alunos que favorece a busca de informações a respeito de conteúdos, utilizando uma linguagem verbal e textual. Logo, o aluno tem a possibilidade de encontrar material para estudo fora do espaço habitual de ensino, a fim de rever ou até recuperar um conteúdo ao qual não estava presente quando trabalhado ou tenha dificuldade.

Durante as duas semanas de pesquisa, pode-se assistir algumas aulas de geografia e também de história, em que os professores fazem uso de recursos tecnológicos e houveram conversas com alunos de forma livre e espontânea (diferente das outras questões obrigatórias). Os alunos responderam com suas próprias palavras, e registraram-se algumas respostas como exemplo:

“O *Mas Afinal* tem um modo de ensino bem dinâmico por apresentar ilustrações enquanto passam o conteúdo de maneira simples e objetiva.”

“Gosto da simplicidade das aulas, o que torna o ensino mais gostoso de ser aprendido.”

“O *Mas Afinal* é prático, dá pra montar meu próprio horário e dá pra estudar em qualquer lugar.”

“Estimula o saber e acesso à informação de qualidade e de forma democrática.”

“A forma de como se estuda mudou e o ensino deve ser dinâmico como a vida moderna, o *Mas Afinal* impactou minha vida intelectual justamente em unir esse dinamismo.”

Assim, analisando os resultados, certos reflexos ficam evidentes. Primeiramente, é interessante observar que a maioria dos alunos acessa a internet fora de aula 91,3%. Em relação à finalidade, temos um dado interessante: grande parte dos usuários (65,3%) utiliza vídeos do YouTube, para complementar os estudos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jovem estudante atualmente do Ensino Fundamental Séries Finais caracteriza-se pela sua habilidade em gerenciar múltiplas informações nos mais diferentes canais, o que se faz presente também, em sua rotina escolar, de tal maneira que não se pode afirmar que o professor será pioneiro em disseminar informações que sejam pertinentes a sua aula. A prática de utilização de vídeos como forma de estudar ciências humanas leva à reflexão de como as disciplinas são trabalhadas, podendo influenciar no processo de ensino e aprendizagem e, conseqüentemente, na construção do conhecimento científico. Dessa forma, não se pode negar que os vídeos têm desempenhado um papel importante na formação dos estudantes a partir da segunda metade do século XXI, quando houve a popularização das plataformas digitais.

Se o YouTube pode ser usado como uma ferramenta na educação, por apresentar os conteúdos de forma mais interessante, ainda se observa que grande parte do conteúdo disponível no YouTube é voltada para o entretenimento, com vídeos musicais e de comédia batendo recordes de visualizações. Atualmente, além de desempenhar seu papel, de entreter os usuários com os vídeos mais variados, também tem agregado a responsabilidade na formação dos estudantes, não só no ensino de ciências humanas, por meio de seus diversos canais com fins educacionais, se caracterizando como uma videoteca particular de cada estudante disponível para acesso a qualquer momento. Mesmo utilizando os canais, que disponibilizam vídeos “educativos”, não se percebe que haja conhecimento, por parte destes, há um interesse comercial nesses canais, que buscam angariar recursos monetários, seja pelo número de visualizações, seja por meio do cooptação dos usuários para assinatura de seus serviços.

Os resultados desta pesquisa, não se limitam às considerações aqui apresentadas, uma vez que o grupo selecionado corresponde a uma pequena amostra dessa juventude conectada. Entender o comportamento desses estudantes quanto à dinâmica que se estabelece entre a sala de aula real e o ambiente virtual de estudo com o uso dos vídeos disponibilizados no YouTube pode ser uma das estratégias para o ensino de ciências humanas, de maneira que, o aluno se reconheça como participante ativo do processo de ensino e aprendizagem, gerando uma mudança de paradigma na educação.

Nessa perspectiva a busca dos vídeos pelos estudantes vai além da não identificação com um determinado formato de aula, uma vez que as características de grande parte dos

vídeos no YouTube estão próximas às encontradas em uma aula real tradicional, o que faz problematizar, que outras razões estão em jogo, para além simplesmente, da administração do tempo de estudo e a possibilidade de assistir mais de uma vez para melhor compreensão, colocando em cheque o papel da escola e das aulas, da dinâmica que ali se estabelece entre professores e alunos. Essas justificativas são plausíveis e sustentam a ideia de que os vídeos com fins educacionais disponibilizados no YouTube também são responsáveis diretamente pelo processo ensino aprendizagem.

O Mas Afinal se diferencia das instituições tradicionais de ensino ao apresentar um conteúdo de forma objetiva, com linguagem acessível, que facilita a compreensão. Além disso, os alunos mencionam a questão do “dinamismo” e o fato de poderem assistir aos vídeos nos dias e horários que melhor lhes convêm, uma vez que principalmente os jovens, estão constantemente “em rede”, conectados, o que permite o entendimento de que aulas em uma plataforma online podem em muitos casos, ser preferíveis a muitos destes consumidores (que conforme comprovamos, têm na sua maioria, 13 a 17 anos).

Outra questão interessante a ser considerada é que, em nenhum momento, o *Mas Afinal* se dispõe a substituir escolas, faculdades ou cursinhos pré-vestibulares, mas, sim, complementar o ensino passado nessas instituições. É nesse sentido que as aulas do *Mas Afinal* funcionam ajudando seus usuários na solução de alguma dúvida ou insegurança relacionada a certo conteúdo, tendo como objetivo fornecer, de forma democrática, acesso ao conteúdo e ao ensino em uma plataforma tecnológica aos jovens que sentem a necessidade de complementar os seus estudos.

Finalmente, reafirma-se a grande influência que os vídeos exercem como ferramenta de ensino e aprendizagem para a formação científica dos estudantes, e, por esse motivo, reitera-se a necessidade de estudos que possam aprofundar essa investigação, revelando o modo como os jovens de hoje aprendem. Dessa forma, é mais do que nunca, impreterível que discussões, acerca das potencialidades da comunicação contemporânea na educação sejam formadas por ser um campo de investigação ainda aberto e dá conta que o avanço tecnológico não descansa e o campo da educação será impactado constantemente.

REFERÊNCIAS

ARROIO, A.; DINIZ, M. L.; GIORDAN, M. A **utilização do vídeo educativo como possibilidade de domínio da linguagem audiovisual pelo professor de ciências**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 5., 2005, Bauru. Atas, Bauru, 2005.

CANABARRO, M. M; BASSO, L. O. **Os Professores e as Redes sociais – É possível utilizar o Facebook para além do “curtir”?** RENOTE. Revista Novas Tecnologias na Educação, v.11, n1 (2013).

CAPARELLI, S. **Televisão e Capitalismo no Brasil**. Porto Alegre: L&PM 1982.

CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (Org). **A sociedade em rede: do conhecimento à ação política**. 20 set. 2006.

CHAVES, I. C. G, **Tecnologia e Infância: um olhar sobre as brincadeiras das crianças**. 2004, 23f TCC (Licenciatura em Pedagogia) – Curso de Pedagogia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2004.

DANTAS, Ricardo. **Uma análise da rede social educacional schooling como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem**. Disponível em: <<http://goo.gl/3xygos>> Acesso em: 30 de julho 2018.

Entrevista com Renan Willian Freitas Jr., o fundador do canal Mas Afinal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V8YbxJ6CpjM> : acesso em 16 de agosto 2018.

FEITAL, Andréia Alvim Bellotti. **Na tecedura da rede mais um nó se faz presente: a formação continuada do professor para o uso do (a) computador/internet na escola**. 2006. 155f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível:
http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=27702> Acesso em 20 jul. 2018

FERNANDES, F. **O desafio educacional**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

FRANÇA, V. V. “**A televisão porosa: traços e tendências**”. In: FREIRE FILHO, João (org.). **A TV em transição – tendências da programação no Brasil e no mundo**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 27- 52.

GARCIA, Rosangela Silveira. **Rede Social na Internet como espaço da nova cultura de aprendizagem**. Revista Trilha Digital, v. 2, p. 139-145, 2014.

GIL, A.C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4º ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GREEN, Joshua; JENKINS, Henry; FORD, Sam. **Cultura da Conexão**. São Paulo: Aleph, 2013.

HELFER, C. L. **Ensino Superior: Ingresso em EAD cresce 34% no RS**. Zero Hora, Porto Alegre, 21 set.2018. Caderno Sua Vida, p.29.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KEARSLEY, Greg; MOORE, Michael. **Distance education: a systems view of online learning**. Disponível em: < <https://goo.gl/gf8mqv> > Acesso em: 3 jul 2018.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologia: O novo ritmo da informação**. 8^oed.Campinas. SP: Papirus 2012.

MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, José Manuel., MASETTO, Marcos T., BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006. p.133-173.

MATTAR, João. **Web 2.0 e Redes Sociais na Educação**. 1^a ed. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.

MATTOS, S. **História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política**. Ed. Vozes 2002.

MORAIS, B.; ANDRADE, M.H de P. **Ciências: ensinar e aprender**. Belo Horizonte: Dimensão 2009.

MOORE, M. G. **Educação à distância: uma visão integrada**. Michael Moore, Greg Kersley; [tradução Roberto Galman]. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2010.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. 4. ed. São Paulo: Papirus, 2009.

MORAN, J. M **A educação a distância como opção estratégica**. 2011. Disponível em: < <http://WWW.eca.usp.br/prof/moran/estrategica.html> >. Acesso em 26 agosto 2018.

PATRÍCIO, M. R; GONÇALVES, V. **Utilização educativa do facebook no ensino superior**. In: I Conference learning and teaching in higher education. Évora: Universidade Évora, 2010a. Disponível em:<<https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3584/1/118./pdf>. Acesso em: 10 julho 2018.

PERRATON, H. **Open and distance learning in the developing world**. 2nd Ed. New York. Routledge, 2007.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. 1^a ed. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.191

REZENDE FILHO, L. A. C.; SÁ, M. B.; PEREIRA, M. V.; BASTOS, W. G.; PASTOR JUNIOR, A. A.; PINHEIRO, A.R. **Canais de vídeo para ensino de ciências: um estudo exploratório**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 10, Águas de Lindóia. Anais... Águas de Lindóia, 2015.

SCHNEIDER, CatiúciaKiung; CAETANO, Lélia; RIBEIRO, Luis O. Meireles. **Análise de Vídeos Educacionais no You Tube: Caracteres e legitimidade**. Renote – Revista Novas Tecnologias na Educação, dezembro 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/30816>. Acesso em: 20 outubro 2018.

SGOBBI, S. Fabiana; DOMENCIANO, J. F.; GOES, M. **Educação**. Educação – revista científica Claretiano, Batatais, SP. v. 2, p. 53 - 65, 23 dez. 2013.

SILVA, M. J.; PEREIRA, M. V.; ARROI, A. O papel do YouTube no ensino de Ciências para os alunos do ensino médio. Revista de Educação, Ciências e Matemática, n°. 7, mai/ago2017.

SILVA, M. P. O.; SALES, S. R. **O fenômeno cultural do YouTube no percurso educacional da juventude ciborgue**. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO, 6, 2015, Canoas. Atas, Canoas, 2015.

SOUZA, V. B **Utilização do computador em sala de aula**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

TEDESCO, J. C. **Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?** São Paulo: Cortez, 2004. p. 9-13.

TOLEDO, G. M.; CORRÊA, D. A. **Problemas na definição legal brasileira de TV sob demanda via internet**. Revista Geminis, São Paulo, v.4, n.1, p.108-126, 2007. BRASIL. DECRETO N°. 4.901, DE 26 DE NOVEMBRO DE 2007. Institui o Sistema.

VALENTE, J. A. **A escola que gera conhecimento**. In: FAZENDA, I. C. A. (org.). Interdisciplinaridade e novas tecnologias: formando professores. Campo Grande: Ed.UFMS, 1999. p. 75-119.

VASCONCELOS, F. C. G. C.; MELO, S. K. S.; ARROIO, A.; LEÃO, M. B. C. O uso de vídeos no ensino de química: análise da temática nas publicações da química nova na escola. Enseñanza de las Ciencias: revista de investigación y experiencias didácticas, n. extra, 2013.

VEJA. Revista. **O mundo de um novo ângulo**. Reportagem de Weinberg, Mônica. Edição 2.254, ano 45, n° 5, de 01/02/2012, p. 64-71. Editora Abril, 2012.

ANEXO I – CARTA DE APRESENTAÇÃO

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL Centro
Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação

Porto Alegre, 16 de outubro de 2018.

À Escola Estadual de Ensino Fundamental Venezuela
Diretora Tânia Sales

O Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação - CINTED da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vem por meio deste apresentar a aluna Arlete Lima de Freitas do curso Mídias na Educação - Ciclo Avançado 4ª Edição, visando que esta tenha a oportunidade de realizar sua pesquisa de Pós-Graduação na Escola Estadual de Ensino Fundamental Venezuela: "Educação e uso pedagógico das Tecnologias da Informação e Comunicação: Limites e possibilidades no ensino à distância."

Atenciosamente,



Liane Margarida Rockenbach Tarouco
Coordenadora do Curso de Especialização Mídias na Educação

ANEXO II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto/pesquisa intitulado(a) _____ desenvolvida(o) por _____. Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é [coordenada / orientada] por _____, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº _____ ou e-mail _____. Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é _____. Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de [descrever o tipo de abordagem p. ex: entrevista semi-estruturada / observação / aferição / exame / coleta / análise do meu prontuário / grupo, etc.] [a ser gravada a partir da assinatura desta autorização]. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo(a) pesquisador(a) e/ou seu(s) orientador(es) / coordenador(es). Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Porto Alegre, _____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

Assinatura do(a) testemunha(a): _____

ANEXO III – QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Quadro 1 - Questionário Diagnóstico

Nome:		
E-mail:		
1. Idade:	2. Série: () 7º ano () 8º ano () 9º ano	3. Turno: () Manhã () Tarde () Noite
4. Que fonte de pesquisa você utiliza para seus estudos fora da sala de aula?		
() Livros () Jornais () TV () Internet () Outro		
Especifique: _____		
5. Onde você costuma acessar a Internet?		
() Na sua casa () Na escola () Na LAN House () Outro		
6. Você acessa a internet para estudo fora de aula?		
() Sim () Não		
7. Você assiste a vídeos do You Tube para estudar fora da sala de aula?		
() Sim () Não		
8. Já acessou o canal Mas Afinal?		
() Sim () Não		
9. Considera motivador o canal?		
() Sim () Não		
10. Assistindo o canal teve facilidade na disciplina de Geografia?		
() Sim () Não		

Fonte: a autora, 2018.